

TOSTÃO: o craque da vida

Célia Chaim

“Falar por telefone com o grande Tostão é fácil quando ele conhece quem está no outro lado da linha. A conversa corre solta, ele comenta tudo, é gentil, não tem pressa, pergunta da família, de você, é encantador. Quando a conversa entra na categoria entrevistado e entrevistador, ele não dispensa a gentileza, o encanto, mas dá início aí a uma maratona de desculpas – vamos conversar depois do dia tal, acabei de voltar de viagem... Dia tal, com a passagem para Belo Horizonte reservada, um telefonema traz de volta o Tostão completamente avesso a essas coisas. “Você não ficar brava comigo...”, começou a falar. Como gosto muito dele por tantas coisas e também por esse jeito carinhoso de deixar você na mão, completei: “Tostão, querido, não precisa sofrer mais. Entrevista é o tipo da coisa que tira o seu sossego. A passagem posso cancelar. Uma hora dessas vou tomar café com você e aceitar seu convite para conhecer as cidades históricas de sua Minas Gerais...”

Só tem uma coisa: você não fala, mas muitas das pessoas que gostam tanto de você, tanto ou mais do que eu, falam muito desse Tostão que adora tomar um cafezinho na cozinha e, queira você ou não, explodem em elogios ao craque extraordinário e inesquecível, ao jornalista que escreve tão bem, com tantos acertos e talento, paixão eterna dos torcedores do Cruzeiro, deles e nossa, da torcida do Flamengo, do Corinthians, do Brasil... Como você não gosta de falar de si, para fazer este J&Cia Entrevista recorri à minha memória, àqueles amigos e ao livro que você escreveu – Tostão – lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol, publicado pela editora DBA, com prefácio de Armando Nogueira e orelha de Leila Ferreira.”



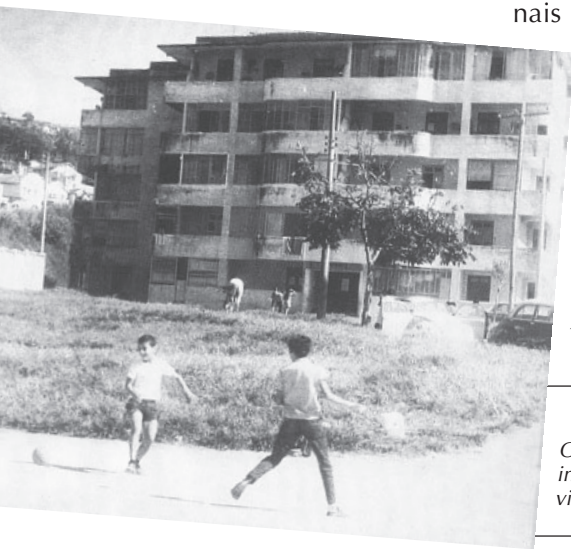
Eduardo, o menino, o nosso Tostão da Copa do Mundo de 70, dr. Eduardo, o médico de Belo Horizonte, Tos-

tão, o escrevinhador de texto fino, cuidadoso, autor de uma coluna na Folha de S.Paulo que chega a vários outros jornais do País. O grande Armando Nogueira, sempre com a palavra certa e poética na ponta dos dedos, o apresenta assim no prefácio do livro *Tostão – lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*,

o único que escreveu até hoje e, dizem, ficou escondido por cerca de três meses até que tomasse a decisão de publicá-lo; as primeiras palavras de Armando: “O craque e a bola. O craque e a medicina. O craque e as palavras”; as últimas, na contracapa: “Quem viu Tostão pode se considerar uma pessoa feliz. Ele nos contemplou com as melhores lições de bom gosto que o futebol é capaz de dar ao esporte. Era um artista de rara lucidez”.

No condomínio onde mora, na Estância Serrano, distante cerca de 20 quilômetros de Belo Horizonte, logo na entrada você fica sabendo que está a poucos passos da casa do dr.

Eduardo. Quando ele abre a porta, com aquele sorriso carinhoso dos tímidos, é Tostão. É uma casa bonita, no meio de muito “mato”, como ele gosta, grande, bem arrumada. Mas é na cozinha aconchegante que ele gosta de ficar. Tomamos café, conversamos – nada sobre futebol – e chega a hora de ir para o aeroporto. Gentil, insiste em me levar até lá. E como ir para o aeroporto? Eu não conhecia nada, era a primeira vez que ia a Belo Horizonte. E ele? Também não. Eu sabia que iria perder o vôo, mas entre passar mais alguns minutos ouvindo um Tostão calmo e inteligente, cheio de lições de vida, e perder o avião de vol-



Conjunto dos industriários, onde viveu a sua infância

Velhos guerreiros

Da mesma forma que Tostão, seu personagem nesta segunda edição de J&Cia Entrevista, **Célia Chaim** é uma guerreira. Uma puro sangue do jornalismo, talento incontestável, de incrível força telúrica, capaz, como se poderá ver nesse precioso trabalho, de extrair leite de pedra.

Pérola de seu texto brilhante é a emocionante

comparação que faz da tragédia de Tostão com a sua própria, ambos com um dos olhos comprometidos por problemas distintos (e também de origens distintas), que tiveram de se superar para driblar a deficiência e dar a volta por cima.

Somos gratos a ela, que não mediu esforços para entregar aos leitores deste filhote de Jornalistas&Cia, que carinho-

samente batizamos de Entrevista, um texto refinado, inteligente, de bom gosto e muito, mas muito mesmo, agradável de ler. Um texto que fazemos questão absoluta de que seja integralmente autoral. Se você for até o fim, poderá constatar com seus próprios olhos.

Ele, o texto, vem da mesma Célia que nos vários anos de carreira fez Jornalismo com J

maiusculo para alguns dos mais importantes veículos brasileiros, como Folha de S.Paulo, Jornal do Brasil, Exame, Valor Econômico, IstoÉ, para ficar apenas em alguns dos títulos de que prazerosamente lembramos.

Brava, Célia! Bravo, Tostão! Boa leitura!

Eduardo Ribeiro e Wilson Barancelli

Escreve à mão

ta a São Paulo, não tive dúvida. Peguei o vôo seguinte.

Isso foi tempos atrás, numa visita que lhe fiz e que guardei como jóia rara em minha memória. Tentaria agora, novamente, porém em missão oficial: uma entrevista para nosso J&Cia Entrevista. Perda de tempo. Mineiramente, ele conseguiu despistar e se livrar da conversa direta, certa, que em nada o anima. Pelo contrário. Mas é um grande cidadão, inteligência e caráter raros, um personagem e tanto, como veremos.

Tostão está certo ao recusar algumas denominações antes consideradas elogiosas. A palavra “celebridade”,

hoje, é quase um palavrão. Quem ganha o Big Brother torna-se celebridade da noite para o dia. Veja o que fazem com essa palavra que um dia foi nobre: Victoria Beckham, ex-Spice Girl e mulher do não menos célebre (com justiça) e milionário jogador de futebol que lhe cedeu o sobrenome, Beckham. O que ela disse é de arrepiar: “O salto alto não só me aumenta de tamanho. Aumenta também minha capacidade cerebral”. Haja salto alto para Victoria!

Avesso a denominações desse gênero, Tostão também não gosta de “conglomerações”. Quando sua filha Ma-

riana ia casar, pediu ao pai que fizesse a lista de seus convidados. Ele fez – com apenas quatro nomes. Esse é o cara que escreve à mão – pior, com letra de médico. Fax não consegue entender. Caixa eletrônico? Deus o livre! É uma cabeça muito inteligente, que não se deixou seduzir pelas pirotécnicas tecnológicas que surgem diariamente no mercado de comunicações. Entenda bem antes de julgá-lo. Na Medicina, por exemplo, aplaude os avanços da tecnologia. Mas essa coisa de mandar e receber e-mails não é a praia dele. Esse é o cara que adora ler a boa literatura (Fernando Pessoa,

por exemplo), adora ouvir boa música, como a de Tom Jobim, Chico Buarque, Paulinho da Viola. Gostaria de morar no Rio de Janeiro, “linda”, mas desistiu por conta da violência.

Timidez em público

Você sabia, Tostão, que no 25 de janeiro em que você nasceu chegou ao mundo anos antes Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, Tom Jobim, esse sim, como você, patrimônio que dá orgulho aos brasileiros? Não se avexe. Como você não gosta de falar nada sobre si mesmo, seus amigos falam com a boca cheia de elogios. Por eles sou-

“Por mais que eu reze, não tem jeito. Esse Tostão é mesmo infernal.”

Dom Serafim Fernandes de Araújo, ex-bispo de Belo Horizonte, torcedor do Atlético Mineiro

be de uma história muito engraçada: você e Luiz Fernando Veríssimo (escritor, cronista, gaúcho, autor que está sempre na lista dos livros mais vendidos) “entraram mudos e saíram calados” de um programa de tevê. Que feio, que nada! Eles são assim mesmo, recatados demais diante do que representam.

Na Copa do Mundo na França, em 1998, os dois se encontraram no estúdio da ESPN Brasil, em Paris. Tostão era comentarista, Veríssimo,

convidado. Imagino que juntar os dois foi mais difícil do que a França derrotar o Brasil na final. Não entraram mudos e saíram calados porque conheciam o diretor de Jornalismo da emissora, José Trajano. Falaram bem, falaram pouco e Veríssimo, como se estivesse à vontade, não deixou de lado suas refinadas ironias. Tostão, depois, bateu uma bolinha no estúdio. No dia seguinte, mais um tímido que, como os outros dois, tem horror a essa coisa de idola-



tria: Chico Buarque de Hollanda.

Os três passam mal quando reconhecidos e são “réus confessos” de sua timidez em público. Os três adoram Paris, um é fã do outro. O índi-

O time mágico do Cruzeiro. Da esquerda para direita, em pé: Pedro Paulo, Vavá, Neco, Piazza, Procópio, Raul e o massagista Andorinha. Agachados: Natal, Evaldo, Tostão, Dirceu Lopes e Hilton

ce de timidez dos três bate no teto diante de uma abordagem na rua. “Nunca me senti à vontade com a fama”, diz Tostão. “Tinha orgulho, sim, de ser um bom profissional, e vaidade de ser conhecido. Aceitava o mínimo de convites para festas, sentia-me invadido na minha intimidade, explorado como uma marca de exposição. Atendia a todos com educação, mas lutava para separar a pessoa do ídolo. Refugiei-me. E com isso a fama fez crescer o meu lado introspectivo, sonhador, pensador, envolvido com os mistérios do homem e da vida. O sucesso é bom de ser alcançado, depois paralisa, empobrece o ser humano”.

Anão de Velásquez

Tostão entrou no jornalismo sem nenhum oba-oba de sua parte. Escreve bem, cada vez melhor, sem se render às chatíssimas técnicas e, táticas, aos 4-4-2, 3-5-2 e por aí. Modesto como raros jogadores de futebol de hoje, tenho a impressão de que ele jamais falaria sobre os elogios que recebeu de José Miguel Wisnik, professor de Teoria Literária, compositor e poeta, em seu livro recém-lançado, *Veneno, Remédio – O Futebol e o Brasil*. Diz Wisnik: “Ele criou um modo que se assemelha ao de um crítico literário, que trata de aspectos do jogo, onde analisa o papel do volante, do ala e do lateral,

ou seja a dinâmica toda do time, e ao mesmo tempo relaciona com a personalidade de cada jogador, do técnico, com aspectos e idiosincrasias de um e de outro, modos de tratar, modos de jogar, potencialidades, limites. Ele faz crítica literária, digamos assim, trata o interno e o entorno do jogo, porque ele está ao mesmo tempo na história do futebol. E depois se tornou uma pessoa que criou uma maneira para se falar de futebol. Outros também até falam coisas interessantes, mas Tostão levou isso ao extremo. Ele passa a ser um analista do que acontece dentro de campo e, ao mesmo tempo, relaciona isso a aspectos da cultura, da

psicanálise”.

Wisnik se entusiasma: “Nelson Rodrigues o chamava de anão de Velásquez, ele jogava com a cabeça erguida. Ele era o 10, jogava olhando, rastreando o campo. Isso ele já fazia como jogador e agora faz como colunista e escritor. Ele é uma dessas figuras que fazem a ponte, ele esteve ali, ao lado de Pelé, foi campeão mundial, jogou num Cruzeiro maravilhoso e acabou se afastando do futebol e teve que refazer a sua identidade, como se tivesse passado por um retiro. Ele negou o futebol para depois voltar e reconstruir sua identidade”.

Não dá nem para perder o humor quando ele marca e

Paris, Nápoles...

foge de alguma coisa que possa colocá-lo em algum destaque, como uma entrevista. Primeiro diz sim, na próxima semana. Daí, imagino, se arrepende, sofre, adia, desmarca, pede desculpas. Quem o conhece um pouco sabe que não será desta vez, talvez nem da próxima. Conversar sem o compromisso de uma entrevista ele conversa. Conta que foi um moleque que escapava de casa para jogar futebol na rua, e que foi na rua que ganhou o apelido de Tostão, porque todos os outros eram maiores do que ele. Conta também que viaja duas vezes por ano e que gosta muito de viajar, ainda mais para Paris. Só que na mais

recente viagem com sua namorada traiu a prioridade à capital francesa e foi conhecer o sul da Itália. Adorou Nápoles, capital da Campânia, cidade que os guias de turismo invariavelmente chamam de caótica. É caótica sim, diz Tostão, “mas é maravilhosa”, privilegiada com sol cerca de 250 dias por ano, roupas penduradas nas janelas como sempre mostram as fotos da cidade, congestionamentos de barcos, povo alegre, comida boa. Caótica, espetacular.

O jornalista Ari Aguiar, que trabalhou com Tostão como “revisor” de seus textos entre setembro de 2002 e setembro de 2007, diz que essa é uma

“A ele bastava um palmo de grama para encantar o mundo com dribles e gols jamais sonhados antes.”

Roberto Drummond, jornalista e escritor

função inútil no caso. “Ele escreve muito bem e o revisor não faz nada além de mexer numa distração de vírgulas”. Bom mesmo, diz Ari, foi passar pouco mais de quatro anos aprendendo lições de ética, perfeccionismo extremo, privacidade (para ele, intocável), carinho com os filhos. Seus grandes prazeres são ir a livrarias, tomar café, quem sabe um restaurante. Tostão é caseiro, mas não é um caseiro triste nem isolado do mundo –

que ele conhece tão bem. Com 20 anos, já craque, nunca seria “o imperador Adriano”, bom de bola do São Paulo e da Seleção, que chama a si mesmo de “imperador”. Imagino que, se por um deslize ou brincadeira, alguém lhe desse uma “honraria” desse tipo, não sairia mais de casa.

O fim das chuteiras

Ser técnico ou supervisor de algum time? A torcida do Cruzeiro chegou a comemo-

rar a notícia de que ele teria sido convidado para ser o técnico do time, tempos atrás. Valeu o sonho da galera, honrou mais uma vez o craque de todos os tempos do time, mas adivinhe... Tostão pensou, pensou e não foi –

apesar do amor recíproco entre as duas partes, ele e a torcida, além do clube. No São Paulo, os torcedores se animaram com o disse-me-disse de que ele seria contratado como supervisor. Não

passou de um bom boato para fazer sonhar os são-paulinos. A cobiça é grande pelo maior jogador do Cruzeiro de todos os tempos, coautor da vitória da Seleção por 4 a 1 na final da Copa de 70 contra a Itália.

Foi quando ele abriu seu coração numa rara declaração pública de felicidade no México, na noite da conquista da Copa. “Dormi feliz, abraçado ao meu travesseiro, chorando, como fiz quando tinha sete anos, naquela partida contra o infantil do Atlético”. Tostão foi o responsável por algumas das assistências mais espetaculares daquele mundial. Naquela noite, também, sabia que a vitória tinha um significado diferente para ele. Era a última Copa, porque seu olho esquerdo, “abatido” num jogo

com o Corinthians, teve a retina descolada e não houve médico – nem aqui nem nos Estados Unidos – que conseguisse lhe dar a visão normal de volta.

No auge de uma carreira que poderia durar mais uma década, e depois de um choque de falta de ética, desorganização e nenhuma fidelidade à palavra no Vasco da Gama, onde passou cerca de um ano, Tostão deu fim às suas chuteiras. O sonho realmente acabou. Vendeu com prejuízo o apartamento que acabara de comprar no Rio e voltou para Belo Horizonte, amargurado, triste, espantado com as falcatruas de dirigentes que até então desconhecia.

Aí tirou o futebol de sua vida, não falou nem mais uma palavra sobre isso, estudou



Com seu pai e sua mãe, Osvaldina, na chegada de Houston logo após a cirurgia com o Dr. Abdala

Mineirinho de ouro

Por **José Trajano**, diretor de Jornalismo e Programação da ESPN/ESPN Brasil

Estava me preparando para escrever um “textinho” sobre Tostão, quando resolvi dar uma espiada em sua coluna de quarta-feira na Folha. E aí veio a luz. Por que não reproduzir um trecho escrito por ele no pé da coluna, com o título “Propaganda”? Em poucas linhas, ele resumiu sua visão de mundo:

“Vi pela televisão um comercial da Timemania() e*

da Caixa Econômica Federal. Pelé é o garoto-propaganda. Apareço de costas em um lance da Copa de 1970, perto de Pelé. Sei o meu lugar e que a intenção não é explorar meu nome, mas tinham obrigação de pedir a minha autorização. Se pedissem, não daria, por dinheiro nenhum. Não sou garoto-propaganda nem sou a favor da Timemania. Peça que retirem o anúncio.”

Tostão é assim. Tem a timidez do Veríssimo, a discrição de Chico Buarque e a ética de Jefferson Perez. Escreve com o mesmo talento de quando deslumbrou a todos com a bela camisa azul do Cruzeiro ou com a amarelinha da seleção. Tenho enorme orgulho de ser seu amigo. É uma amizade de poucas palavras, à distância, mas profunda e respeitosa. Consegui com Tostão e também

com Sócrates e Wlamir Marques (o grande campeão do basquete) realizar um sonho de menino. Ficar, depois de grande, amigo de alguns dos meus ídolos. Tostão sempre foi um fora-de-série. É um mineirinho de ouro.

(*) A Timemania continua, mas sem a imagem de Tostão, retirada assim que ele fez sua reclamação.

O jornalismo



Doutor Eduardo Gonçalves e a sua primeira turma de estagiários no Hospital São José

um aluno em sua formatura: ‘você me ensinou o mais importante no curso médico, que é olhar para o paciente como ser humano e não só como portador de uma doença’.

Escrita cuidadosa

Ele estava cansado, talvez decepcionado com a falta de condições para exercer a medicina como sonhou, quando seus dois filhos – André, engenheiro ambiental, e Mariana, juíza – conseguiram, enfim, colocá-lo cara a cara com o futebol depois de tantos anos de abstinência da bola, e com o que seria a sua nova profissão — o jornalismo. “Em 1990, tinha ido à Copa, sem compromisso, fiquei emocionado e a partir daí comecei a olhar o futebol com mais interesse, indo ao campo empurrado por meus filhos”. Foi a gota d’água para o começo de sua vida como comentarista

de tevê, na Bandeirantes, em seguida na ESPN Brasil, e colunista de jornais (Jornal do Brasil e da Folha de S.Paulo, de onde seus artigos alcançam vários jornais do País). “Alérgico” às câmaras de tevê, saiu de mansinho, mineiramente, da telinha e ficou com a escrita, cada vez mais cuidadosa, cada vez mais elogiada.

Acho até que ele fica ruborizado quando recebe um elogio — assim como eu ficava quando o professor, na frente de todo mundo, dizia que eu era a melhor da classe, uma classe com meninas escolhidas para estudar num espaço separado da área nobre pelas notas do boletim e pela impossibilidade financeira de seus pais. Será que alguém fica vermelho hoje, Tostão? Se essa fraqueza da timidez chegasse ao Congresso, por exemplo, seria um Congresso vermelho — não por timidez, claro.

medicina e ressurgiu como dr. Eduardo, quando o Tostão, para ele, não existia mais.

O que é ser um craque, Tostão?

Tostão – O craque não é o que erra menos, e sim o que acerta, o que faz jogadas decisivas, antevê a jogada, pensa antes dos outros. Essa criatividade não se ensina, mas pode-se aprender a usá-la.

Intimista como é, não admitiria que essa é a descrição daquele garoto que jogava futebol na rua e, queira ou não, atordoou cruzeirenses e não-cruzeirenses quando mostrou o que sabia fazer com a bola num jogo de futebol. A excelência do trabalho como mé-

dico o acompanhou por pouco mais de duas décadas, durante as quais tentou esconder-se do Tostão, tarefa quase inglória. Pacientes, médicos e enfermeiros olhavam para o dr. Eduardo como um velho conhecido. Como professor (inicialmente de Clínica Médica), o dr. Eduardo também deixava os alunos intrigados sobre o seu passado.

“Vi muita tristeza, pacientes morrendo diante de nossa fragilidade médica, mas tive também a alegria de ajudar a muitos outros”.

Como professor, diz que foi homenageado pelos alunos várias vezes, o que lhe dava a maior satisfação. “A maior alegria que tive foi o que me disse

“Quem viu Tostão pode se considerar uma pessoa feliz.”

Armando Nogueira, escritor e jornalista

A tia libanesa

Há uma história curiosa, Tostão, contada por Juca Kfourri (o livro em que ela aparece, *Meninos, eu vi*, está esgotado, segundo algumas das maiores livrarias de São Paulo). Vamos a ela:

“Vivia-se um momento mágico, com a Copa de 70, em que a seleção brasileira se tornou a dona definitiva (em termos, porque a taça seria roubada posteriormente) do Troféu Jules Rimet. Eles saíram na frente e, vez por outra, tocando rapidamente a bola, aparecia a extraordinária figura de Tostão no vídeo. Era o único momento que parecia interessar à velha tia libanesa, que mal falava o português.

Sem que ninguém lhe desse a menor atenção, ela se limitava a resmungar para si mesma: ‘esse Tostão, não sei não, esse Tostão...’ Os tchecos foram batidos por 4 a 1, e vieram os ingleses, últimos campeões mundiais. E a tia libanesa lá estava, repetindo o seu refrão: ‘esse Tostão...’ Foi assim que esse ‘mistério da velhinha libanesa’ persistiu até a final da Copa – até que alguém lhe perguntou: ‘por quê? Por que, tia, você passou a Copa inteira implicando com o Tostão?’ E ela, angelicamente, respondeu: ‘esse Tostão, esse patricio, olha a carinha dele, olha a carinha dele...’

Pobre velhinha, aquela ca-

Alma, cabeça e coração

Por **Fernando Calazans**, colunista de O Globo*

Tostão é hoje um colunista que tem de ser lido (ou deveria ser) por todos os jornalistas esportivos, em primeiríssimo lugar os jovens que estão se iniciando numa época em que a análise do futebol é feita, cada vez mais, com táticas, números, estatísticas, tecnicismos – e cada vez menos com conteúdo hu-

mano. Como se os jogadores não fossem gente. É curioso que, tendo sido um jogador (um craque excepcional, no caso), e conhecendo portanto a prática do jogo dentro do campo, ele tenha conseguido deixar isso em segundo plano, para analisar o jogo com alma, com a cabeça e o coração. Tostão não restringe sua coluna a áridos conheci-

mentos táticos e técnicos. Ele a preenche com vida, com conhecimento do ser humano. Além do fato notável de que escreve cada vez melhor. É resultado da leitura dos mestres da literatura e da língua portuguesa.

Num tempo em que os comentaristas querem analisar o futebol como se fossem técnicos, Tostão analisa como jor-

nalista. Parece ensinar que jornalista tem que enxergar futebol como jornalista. E por isso consegue, em sua coluna, realizar também a seguinte proeza: ensinar jornalismo a jornalistas.

() Calazans, modesto como Tostão, é um dos melhores e mais clássicos colunistas do jornalismo esportivo.*

A flor, o jardineiro

rinha é do Tostão sim, um mineirinho daqueles. Só não fala 'uai'. E Minas Gerais é um terra de jornalistas impecáveis, como Humberto Werneck, também escritor, Ziraldo, Zuenir Ventura, Nirlando Beirão, Fernando Mitre, Roberto Drummond, José Maria Mayrink, Ivan Ângelo, só para citar alguns.

O dia-a-dia

Na vida de Tostão há uma flor chamada Margarida, que trabalha em sua casa há anos e é "mestre" nas idiosincrasias do patrão. O amor e o respeito são recíprocos. Para os amigos, é difícil imaginar a vida de Tostão sem dona Margarida. Ela faz as comidinhas de que ele

gosta, destaque para as saladas, e aprendeu ao longo dos anos que o sr. Eduardo é uma pessoa gentil, que jamais manda e sim pede, que não gosta de ser interrompido quando está trabalhando e que nunca lhe falta a boa educação. Ela não mora no emprego. De Gilson, o faz-tudo, de jardineiro a electricista, os comentários não são diferentes. A namorada se chama Raquel (não sei se é assim que se escreve, mas não me atreveria a perguntar a ele) e a mãe de seus dois filhos é Vânia, que com ele tem o melhor convívio.

Tostão levanta cedo, faz uma caminhada pelo condomínio, volta para casa, lê, escreve, come a deliciosa co-

mida leve feita por dona Margarida. Nos finais de semana, sai para jantar com Raquel e seus amigos. Ele, como contam estes, não é "rueiro", mas não vive enclausurado. Numa conversa informal, proporciona risadas e boas histórias. Se sente alguma amargura por ter abandonado o futebol tão cedo, não fala e parece que o assunto, hoje, é mesmo sem sentido para ser abordado. Esqueça aquele silêncio auto-imposto no final da carreira de jogador – acabou, sumiu do mapa.

Se alguém pensa que ele é um homem rico, está enganado. A riqueza de uma hora para outra, como acontece

hoje, não é da sua época. "Não joguei no exterior, não fui amigo de pessoas ricas e desonestas, joguei nove dos meus dez anos de futebol em Minas Gerais, portanto não fiquei rico. Graças ao futebol, pude voltar a estudar sem trabalhar, ter uma nova profissão sem depender de rendimentos altos, e levar uma vida confortável e simples".

Quando escreveu seu livro, você fez a sua eterna declaração de amor ao futebol: "(...) Aos poucos fui perdendo o medo da tevê, principalmente comentando partidas, pois não aparecia na tela. A terapia pessoal me ajudou muito. (...) Estou bem, lendo e estudando muito sobre o futebol.

(...) Estou mais tranquilo sem a pressão da profissão de médico. (...)” Só faltou dizer, Tostão, que, mais uma vez, você está completamente apaixonado pelo futebol – como sempre esteve a torcida do Cruzeiro por você, como estamos todos por esse esportista mineiro.

Como foi sua estréia no jornalismo?

Tostão — Nos meus primeiros anos de colunista, que coincidiram com meu trabalho de comentarista na televisão em jogos ao vivo e em programas esportivos, achava que sabia tudo e que podia explicar tudo o que aconte-

cia em uma partida. Com o tempo, por mais que visse, escutasse e estudasse futebol, percebi que sabia pouco, cada vez menos, e que muitas das análises táticas e técnicas, a que dava tanta importância, tinham pouca ou nenhuma importância. Talvez tenha aprendido a separar o que é fundamental do supérfluo e o que é certo do que gosto. Percebi ainda que, quando existe pequena diferença técnica entre duas equipes, o resultado de um jogo depende menos desses detalhes técnicos e táticos e mais do erro de um árbitro, de uma bola que bateu em alguém e mudou a trajetória e de tan-



Aos 15 anos, no juvenil do América

“Está entre os cinco ou seis maiores jogadores de todos os tempos.”

Nelson Rodrigues, jornalista, escritor e dramaturgo

tas outras coisas inesperadas. Após o resultado de uma partida, criamos, com ótimos ou maus argumentos, uma história ficcional, que parece muito ou pouco com a realidade. Tive a mesma experiência na medicina. Quando me formei, pensava que sabia tudo sobre as doenças e os doentes. Com o tempo, depois de passar noites e dias estudando e trabalhando e de me tornar professor da Faculdade de Ciências Médicas, percebi que sabia pouco ou quase nada. Como sou um jovem de

61 anos, espero um dia encontrar o tal do equilíbrio entre achar que sei tudo e que não sei nada. Ou esse equilíbrio seria deixar de questionar, de aprender e de se apaixonar? Perderia a graça.

Dar a volta por cima

Esse é um péssimo assunto para se tocar – o acidente que o afastou muito cedo da profissão de craque. Mas, como ele mesmo escreveu no livro *Tostão* sobre como tudo ficou “escuro” em setembro de 1969, ameaçando sua carrei-

ra e visão, não me parece desrespeitoso recontar apenas um trecho da história, que aconteceu no estádio do Pacaembu, em São Paulo. *“Dia chuvoso, triste, jogava mal (...) e aconteceu a séria contusão no olho que me tiraria em 1973 do futebol, com 26 anos. (...) Fiquei tonto, tentei continuar, mas logo saí. (...) Após chegar a Belo Horizonte, fui direto para o consultório do doutor Geraldo Queiroga. Diagnóstico: descolamento da retina. Percebi imediatamente que era coisa séria, cirúrgica, estavam ameaçadas minha carreira e minha visão”.*

Posso avaliar com alguma segurança, Tostão, o quanto doeu ouvir o diagnóstico e, a

partir daí, pensar no futuro. Sei que você me permitirá contar uma particularidade minha para aliviar a conversa. Entre outras coisas, perdi o olho esquerdo há oito anos. Perdi mesmo, completamente. Chorei, lamentei, sofri, chorei. Há poucos dias, porém, fazendo compras com meu filho e diante de uma fila enorme para pagar, ele não teve dúvidas: “minha mãe é deficiente!” Quem? Eu? É verdade, sou deficiente e ele não mentiu. Depois de uma bronca inicial, nós dois morremos de rir e eu me dei conta de que aquele sofrimento profundo, se não passou, pelo menos está superado.

No livro de Gay Talese, *Fama e Anonimato*, relançado

Tragédias democráticas

pela Companhia das Letras, o jornalista-escritor conta numa reportagem a agonia de Frank Sinatra, ele mesmo, resfriado poucas noites antes de um especial da NBC, que previa 18 canções. É uma doença banal, mas quando acontece com Sinatra ela o mergulha num estado de angústia, de pânico e até de profunda depressão. Sinatra estava resfriado. “Sinatra sem voz, escreve Talese, é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior”. Mas Sinatra fez o espetáculo. Conteí essa história, Tostão, por que acho que nós também podemos cantar depois de

tantas mazelas e até concluir que o resfriado de Sinatra, nossos olhos esquerdos, tragédias, sem dúvida, têm como única “lição” mostrar que são “democráticas”: acontecem nas periferias e bairros chamados nobres das grandes cidades brasileiras, em Beverly Hills, nos cafundós do Brasil. O que, claro, não minimiza o drama de cada um.

Pedra na bota de Médici

A propósito ainda da Copa do Mundo de 1970, vale lembrar do técnico e jornalista João Saldanha, responsável

pela montagem daquele time. Demitido às vésperas da competição, ele denunciou os subterrâneos da seleção num desabafo à revista Placar de março de 1970: “Todos os dias dirigentes diziam: ‘Ponha a imprensa daqui pra fora!’ Eu dizia não. O diálogo com a imprensa é importante porque, mesmo que mintam, que deturpem, nós estaremos colocando nosso país mais em cima, mais alto”.

Comunista, sem papas na língua e sem aceitar ingerências políticas na seleção, ele se tornou uma pedra na bota do general Médici, então pre-

sidente da República – motivos mais que suficientes para os militares exigirem a sua demissão.

Outra passagem que exemplifica bem o temperamento de Saldanha: “Num programa de televisão em Hamburgo, Alemanha Ocidental, o entrevistador perguntou: ‘O que o senhor acha da matança de índios no Brasil?’ Eu respondi: ‘Nosso país tem 470 anos de história. Nesses 470 anos, foram mortos menos índios do que em dez minutos da guerra provocada por vocês. Os selvagens são vocês!’ A televisão saiu do ar, o apresenta-

dor não falou mais comigo”.

A história de João Saldanha é rica, inteligente, generosa (ele esperou Tostão fazer um tratamento nos Estados Unidos para mantê-lo na seleção), valente, repleta de riscos, enfrentamentos, polêmicas, amor e ódio.

“Quando fui demitido da seleção brasileira, a conversa foi mais ou menos assim:

- Está demitido!
- Até logo, boa noite, vou para casa dormir...
- E não há ninguém que tire

a tranquilidade do meu sono. Por que aconteceu isso? Não sei bem. Vou tentar adivinhar. Vou desenrolar uma série de casos estarrecedores que acontecem na Seleção.”

Confesso que, certo ou errado, sou da banda do Saldanha.

Alegria, alegria

Você sabia que os cruzeirenses criaram um *blog* sobre você? Pois é, mineirinho, queira ou não, eles incluem você como um dos “heróis

imortais”, chamam você de “tusta’ao” ao cumprimentá-lo no seu aniversário. Ou: sem palavras para descrever este que foi o maior jogador que o Cruzeiro Esporte já teve. Eduardo Gonçalves de Andrade, craque, médico e um dos mais respeitados cronistas brasileiros, já está na história do Brasil. Mais ainda: Tostão, que é o maior craque que vestiu a camisa celeste, foi o maior jogador da história do futebol mineiro. Um exemplo dentro e fora do campo. Tam-

bém não podemos esquecer de dizer que se trata de um dos melhores comentaristas do Brasil. Se eu fosse mandar alguma coisa para o *blog* dos cruzeirenses, seria mais ou menos assim: “Tostão, quando ligo para sua casa perguntando se o nome de sua namorada se escreve Rachel ou Raquel, tenho vontade de ficar muda quando você atende. Acho que cometo invasão de domicílio. Só me consola saber que incomodo um perfeccionista”.

Um cidadão comum

Por Cláudio Arreguy, editor de Esportes do jornal Estado de Minas

Quando regressei a Belo Horizonte, depois de 17 anos (oito deles vivendo no Rio e nove em São Paulo), jamais poderia imaginar que uma de minhas referências na cidade fosse um ídolo de infância, um dos responsáveis, se não o maior, pela escolha do meu time do coração. Já estava havia alguns dias trabalhando no Estado de Minas e tentando me enturmar de novo na cidade em que nascemos, quando recebi um telefonema do Tostão, colunista de vários jornais, entre os quais o meu. Não nos falávamos desde a Copa de 1998, na França, onde éramos companheiros de Estadão. Em meio ao bate-papo de boas-vindas, marcamos um almoço. Que se transformou em prática repetida muitas vezes nestes quase seis anos – às vezes trocadas por um jantar ou chope, le-

vando nossas companheiras. Ou por um telefonema.

Quase ninguém pode imaginar que é possível passar umas duas a três horas conversando com um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro a respeito de vários assuntos, não necessariamente o futebol. Cinema, literatura, música, política, saúde, a cidade, as mulheres, a beleza do Rio de Janeiro, os amigos Calazans, PVC e Trajano, o mundo... Nada escapa ao olhar atento de quem sempre usou a inteligência e a criatividade dentro de campo. Tostão é um cara na dele, que vive confortavelmente, sem luxos e sem frescuras, gosta de comer bem, aprecia um bom vinho. E jamais me negou algum pedido extra que lhe fiz, em nome do jornal. Até aceitou a proposta para ter a coluna também no Correio Braziliense, cuja direção, a

mesma do EM, me encarregou de fazer o contato.

Pelo menos uns cinco bons restaurantes que passei a frequentar em Belo Horizonte me foram apresentados pelo Tostão. Em todos, a dica foi perfeita. O homem conhece. Descobrimos muitas afinidades, que deram dimensão humana a um dos mitos que cultivo há mais de 40 anos, como louco por futebol. Tive o prazer de ser convidado para o casamento de sua filha e de recebê-lo em minha festa de 50 anos.

É sempre bom quando nos encontramos para o almoço, cujo lugar tem variado pouco. Geralmente vamos ao Santa Fé, na região da Savassi (a primeira dica que ele me deu), com sua comida e o ambiente excelentes. Não raro, a disposição de tomar apenas uma taça de vinho se transforma numa garrafa, en-

tre os assuntos a serem postos em dia.

Tostão se comporta como cidadão absolutamente comum. Sente-se realmente assim, embora seja bastante conhecido. Quase sempre alguém passa por nossa mesa e pergunta se ele é ele mesmo. A resposta, meio encabulada, mas respeitosa, é acompanhada do sorriso tímido e do inevitável autógrafo. Não se incomoda nem quando o garçom, ao trazer os cartões para assinarmos, apresenta o dele primeiro e indaga, em dúvida: “Eduardo?”.

Ao fim do almoço, sempre pergunta se quero que me leve ao jornal. Recuso, em nome da curta caminhada para fazer a digestão, e nos despedimos até o próximo papo. Sabendo que, mais pontual do que eu, ele mais uma vez chegará primeiro.

É isso mesmo?

Difícil encontrar mais clichês do que os que se falam dentro e fora de um campo de futebol. Você já ouviu todos, centenas de vezes. Vamos lá, na versão de Tostão:

Clichê: *A melhor defesa é o ataque*

Tostão: O time que só ataca e não se defende acaba perdendo

Clichê: *Se Deus quiser, vamos vencer*

Tostão: Deus não teve tempo para resolver o problema dos miseráveis e ainda vai ter que fazer gol...

Clichê: *O futebol é uma caixinha de surpresas*

Tostão: Boa desculpa para a derrota

Clichê: *O técnico tem o time nas mãos*

Tostão: Ele é que pensa...

Clichê: *Galera*

Tostão: (impuplicável)

Gênio da raça

Por **Juca Kfourir**, *colunista da Folha de S.Paulo e da Rádio CBN*

Um dia eu disse que o Tostão era o Graciliano Ramos da crônica esportiva brasileira.

Modesto como ele é, a ponto de dizer que Romário jogaria em seu lugar na Seleção Brasileira tricampeã mundial

no México, em 1970, Tostão tratou de escrever uma coluna em que, entre outras coisas, recomendou-me moderação:

“Menos, Juca, menos”, escreveu.

Tenho certeza de que não foi porque ele queria uma tréplica minha ainda com mais elogios.

Porque ele não precisa disso e nem eu sou capaz de achar todos os adjetivos que merece.

Para mim, basta dizer o seguinte: Tostão escreve hoje em dia como jogava antiga e maravilhosamente: de um jeito minimalista, eficaz, inteligente, com arte.

Tostão é gênio da raça.

Nome: Eduardo Gomes de Andrade

Data de nascimento: 25 de janeiro de 1947, em Belo Horizonte, Minas Gerais

Apelido: Tostão

Filhos: André, engenheiro ambiental, atualmente fazendo um curso na Austrália, e Mariana, formada em Direito, que estudou pra valer e passou num concurso público para juízes; é juíza em Belo Horizonte

Futebol: jogou 378 partidas pelo Cruzeiro, de 1964 a 1971, e nesse período fez 249 gols. Antes e depois dos anos iluminados no Cruzeiro, jogou, primeiro, um ano no América mineiro e, depois, mais um ano pelo Vasco, quando a desorganização do futebol já arrepia os cabelos dos que zelam pela ética

Seleção: 1966 e 1970; 52 gols em 29 jogos



*“Milagre da Copa:
Bulhões a Campos(*), fagueiro:
– Enfim, domada a inflação!
Valorizou-se o Cruzeiro e mais
ainda o Tostão.”*

*Carlos Drummond de Andrade, poeta
– Correio da Manhã, 3/4/1966*

() Nota da Redação: Octávio Gouvêa de Bulhões
e Roberto Campos*

Expediente

J&Cia Entrevista é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. **11-5576-5600** • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Barancelli** (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Coordenadora: **Célia Chaim** • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br). Fotos: Arquivo Tostão.